UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede

IRENE APARECIDA GONÇALVES

PROPOSTA DIDÁTICA:
LEITURA LITERÁRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO CANÔNICO AO CONTEMPORÂNEO.

Cornélio Procópio
2020

IRENE APARECIDA GONÇALVES

PROPOSTA DIDÁTICA:
LEITURA LITERÁRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO CANÔNICO AO CONTEMPORÂNEO.

Produto educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderléia da Silva Oliveira

Cornélio Procópio
2020

PROPOSTA DIDÁTICA

LEITURA LITERÁRIA NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO CANÔNICO AO CONTEMPORÂNEO

Como resultado da pesquisa realizada no âmbito do PROFLETRAS/UENP, no período de 2018-2020, intitulada “Leitura literária nas séries finais do ensino fundamental: do canônico ao contemporâneo”, apresento a sequência expandida proposta por Cosson (2006), elaborada para leitura da obra canônica de Machado de Assis, *Dom Casmurro*. Tal proposta de letramento literário atua como uma possibilidade de ensino e aprendizagem de obras literárias, pois baseia-se no ensino da leitura da literatura como forma de interação e desenvolvimento de consciência crítica do aluno diante do mundo que o cerca.

Importante comentar que a palavra “letrada” não designa somente a pessoa que aprendeu os códigos do alfabeto. O letramento é um processo estabelecido no meio social, que se materializa por meio da experiência cultural da pessoa. Segundo Cosson (2006, p. 104), é a competência que se objetiva no letramento literário. Para o estudioso, os livros não falam por si mesmos, nós os entendemos por meio de mecanismos de interpretação apreendidos na escola. Mas, se na escola esses mecanismos não forem apreendidos, como uma pessoa se tornará uma leitora competentAe e independente? Penso que será a partir do domínio do texto literário em sua plenitude, entendendo-o, interagindo com ele e ampliando o leque de conhecimentos a partir dele.

A fim de experienciar este processo de letramento, apresenta-se a proposta de sequência expandida direcionada aos alunos do 9º ano “A” do Ensino Fundamental, séries finais, a fim de viabilizar a leitura de uma obra literária clássica e, também, de uma obra contemporânea que dialoga com o cânone escolhido.

Com base nos estudos de Cosson (2006), que afirma que o professor não deve desprezar o cânone, na medida em que ele representa a herança cultural da sua comunidade, optou-se pelo trabalho com o clássico de Machado de Assis, *Dom Casmurro.* A obra em questão permanece atual e o trabalho conjunto com a obra *O Dom do Crime* se apoia em Cosson, pois o autor afirma que se deve “[...] aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, mas da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo que se faz por meio da verticalização dos textos e procedimentos”.

(2006, p. 35-36).

Também Rouxel (2013) faz muitas observações pertinentes quando o assunto é seleção de obras para a formação do sujeito leitor, que é aquele que deve ser formado a partir de 3 saberes: saberes sobre os textos, saberes sobre si e saberes metaléxicos. Para a autora, o aluno deve ser confrontado com a diversidade literária: diversidade de gêneros – gêneros tradicionais (romance, teatro, poesia) e novos (autoficção, história em quadrinhos); de obras – canônicas, clássicas, contemporâneas; diversidade geográfica – nacional, estrangeira. As obras devem contemplar o ético e o estético, "obras cujo conteúdo existencial deixe marcas" (2013, p. 24). São obras que desafiam o leitor, textos que usualmente podem encontrar resistências para serem lidos.

Quando trata do "confronto com a complexidade", a autora afirma que ela "[...] resulta primeiramente dos programas que estipulam o encontro com obras do passado" (ROUXEL, 2013, p. 27). Para tanto, sugere, entre outras indicações:

> Leitura de um clássico em comparação com uma obra presente que aborde a mesma problemática. [...]. Desse diálogo entre literatura e presente pode nascer um conjunto de questões que revelam um início de interesse. Trata-se de compreender a que necessidade respondia essa obra no seu tempo e é a história da literatura que pode ser convocada para tentar responder a essa questão. É também importante compreender como essa obra [a do passado] pode nos dizer respeito hoje, um convite à leitura atualizadora [...]. (p.27-28).

Isso posto, a intervenção levou em conta tal diálogo entre literatura e o presente, utilizando como recurso a contextualização das obras escolhidas e a intertextualidade existente. Diante desse contexto, entende-se que quanto antes a criança for apresentada a um clássico, e não obrigada, ela dará nova significação à sua vida, tendo compreendido muitas nuances, antes incompreendidas. Conforme o exposto, considerando a indicação de autores como Cosson e Rouxel e após cuidadosa análise dos resultados do questionário, optou-se por apresentar aos alunos a obra *Dom Casmurro,* de Machado de Assis, publicada pela primeira vez em 1899 e considerada um dos maiores clássicos da literatura brasileira.

No cenário da literatura nacional, Machado de Assis é um dos escritores de maior notoriedade, cuja obra, composta por tramas complicadas, caracterizadas pelo

uso de linguagem ambígua e irônica, distingue-se por apresentar personagens compostos pela crueza de uma vida amarga.

A escolha pela obra *Dom Casmurro* deve-se ao fato, também, de ela apresentar caráter atemporal e pertencer à tradição literária brasileira. Machado de Assis é leitura indispensável ao currículo da disciplina de Língua Portuguesa, tanto do Ensino Fundamental como do Ensino Médio.

Os estudantes, de modo geral, apresentam certa relutância à leitura dos clássicos, que, na maioria das vezes, são indicados pelos professores de Língua Portuguesa. Isso se deve também à metodologia utilizada pela maior parte dos professores no ensino de literatura, principalmente em turmas do Ensino Médio, quando trabalha-se à exaustão com contextos históricos das obras clássicas e resumos, que os estudantes acabam por pinçar da internet, prejudicando, assim, o aprendizado da literatura.

Cereja (2005, p. 56) destaca que o aluno participa desse processo de forma passiva, recebendo as informações do professor, o único na classe preparado para discorrer sobre o objeto, uma vez que tem uma visão do “conjunto” da literatura. Segundo o autor, somente o professor é capaz de comentar aspectos curiosos da biografia dos autores e ou estabelecer comparações entre autores e épocas. Essa modalidade de ensino de literatura está longe de ser o ideal, uma vez que não promove a interação, não transfere ao aluno o direito de opinar, até porque ele não saberia como.

Cosson (2006, p. 26) enfatiza que a leitura de textos literários na escola não pode ser em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar. Igualmente, verifica-se que Calvino já assinala esse aspecto:

> Os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos, dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola. (CALVINO, 1993, p.13).

Na obra *Dom Casmurro* é possível analisarmos certos valores significativos para a vida presente. Mesmo tendo sido escrita em 1899, ainda apresenta fatos que podem ser relacionados com os dias atuais, como o mistério, o ciúme, a dúvida expressa na possível traição de Capitu. Importante destacar que a obra é narrada em primeira pessoa pelo personagem de Bentinho. Machado de Assis constrói uma história envolvente, permeando as personalidades de cada um dos personagens e deixando como herança a obra mais emblemática da literatura brasileira, com a dúvida que se perpetuou: “Capitu traiu Bentinho?”.

Como continuidade de leitura, após apreciação e o trabalho com a obra de Machado de Assis, sugere-se apresentar aos alunos a obra *O Dom do crime,* de Marco Lucchesi, publicada em 2010, cujo enredo descreve um crime passional ocorrido no Rio de Janeiro em 1866 e no qual o narrador menciona por diversas vezes no decorrer da história, muitas coincidências com a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Já no título da obra, o autor “brinca” com o apelido da célebre personagem de Bentinho, o qual passou a ser chamado Dom Casmurro em sua velhice, por ter se tornado um sujeito triste e amargurado, em função da separação de sua amada. Lucchesi utiliza-se da palavra “dom” como um substantivo comum, enquanto Machado a utiliza como substantivo próprio, caracterizando no título da obra seu narrador-personagem. O autor de *O Dom do crime* utiliza-se do recurso da intertextualidade relacionando as duas obras e interpondo-as de maneira tão interessante, que, em certo momento, confunde-se entre qual é ficção e qual é realidade, dentro da narrativa. *O Dom do crime* é uma obra contemporânea que apresenta intertextualidade, portanto, com o clássico machadiano.

2.1 A Sequência Expandida

Cosson (2006) apresenta propostas de se trabalhar o texto literário em sala de aula por meio de sequências básicas ou expandidas, à escolha do professor. Em tais sequências, é possível realizar um passo a passo no trabalho com o texto literário, como motivação, contextualização, interpretação e intervalos de leitura, nos quais o professor pode desenvolver outras competências, como produção de textos, intertextualidades, a língua, enfim, o leque que se abre é diverso, cabendo ao professor a escolha, dependendo da necessidade e interesse em questão.

A sequência básica apresenta menos etapas, sendo mais indicada para

textos pequenos, como contos, por exemplo. Nessa sequência estão presentes as etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Podem haver intervalos de leitura também, dependendo dos objetivos propostos pelo professor. A orientação para iniciar o trabalho de sequência expandida, proposta de letramento literário idealizada por Cosson (2006), e escolhida como norte para esta pesquisa, apresenta momentos específicos para diferentes atividades: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação e expansão.

A motivação consiste em preparar o leitor para receber o texto, pode ser realizada através de atividades lúdicas ou por meio da escrita e oralidade. Cosson (2006, p. 51) alerta que a *motivação* pode envolver conjuntamente as três habilidades: leitura, escrita e oralidade, já que dessa forma torna evidente que não há sentido em separar o ensino da literatura do ensino da língua portuguesa, porque um está contido no outro. Todavia, o autor pondera que ao utilizar os três momentos na motivação, corre-se o risco de se estender muito e perder-se o foco do estudo literário. Portanto, não deve transcender uma aula, pois o professor não deve perder de foco o que realmente interessa: a preparação para a leitura do texto literário. O primeiro passo é estabelecer o objetivo, aquilo que se deseja alcançar como aproximação do texto literário.

No segundo passo da sequência expandida, a introdução, deve ser feita uma apresentação da obra e do autor em questão. Cosson (2006, p. 61) ressalva que não se deve apresentar a biografia do autor repleta de datas e acontecimentos históricos, que podem interessar mais ao pesquisador do que ao leitor da obra. O professor deve considerar que, por se tratar de uma obra canônica, alguns alunos podem ter algum conhecimento prévio, o qual pode ser utilizado em favor da atividade. Esse é o momento de se apresentar a obra física aos alunos, nesse momento cabe ao professor falar da obra e de sua importância, evitando fazer uma síntese dela aos alunos, pois, dessa maneira, elimina-se o prazer da descoberta. Leitura da capa, orelha do livro, bem como dos demais elementos paratextuais, podem ser analisados nesse momento. Esse exercício tem como objetivo identificar a primeira impressão do aluno com a obra.

O próximo passo da sequência expandida é a leitura efetiva da obra, a ser realizada pelo aluno. O professor deve fazer acompanhamento atento dessa etapa, pois ela tem um objetivo que deve ser cumprido, já que todas as demais atividades da sequência expandida dependem da leitura e compreensão do texto literário. No

caso da obra *Dom Casmurro*, que é uma obra extensa para ser realizada em sala de aula, o professor pode levar os alunos a outros ambientes, como biblioteca, como biblioteca, salas de leitura, ou mesmo sugerir que seja realizada em casa, para a realização desse importante passo da sequência. Nessa etapa podem ser realizadas intervalos no processo de leitura, nos quais o professor realizará atividades concernentes à obra estudada. A quantidade de intervalos, segundo Cosson (2006, p. 64), não depende apenas do tamanho do texto, mas também do próprio processo de letramento literário. Todavia, é preciso ter em mente que muitos intervalos podem desviar o foco do processo de letramento literário. É durante as atividades do intervalo que o professor percebe as dificuldades de leitura dos alunos, funcionando, portanto, como um diagnóstico e também como um termômetro para o professor, que pode saber, a partir da observação da participação deles nas atividades e das relações que eles fazem com outros textos, a efetividade da leitura extraclasse. Questões como vocabulário e estrutura que compõe a obra são dúvidas que podem ser sanadas nessa etapa da sequência expandida, principalmente em se tratando de *Dom Casmurro*, que apresenta linguagem bastante diferente daquela utilizada atualmente. O tempo de duração da leitura da obra deve ser discutida previamente com os alunos, respeitando-se as demais atividades que eles já realizam durante o bimestre.

O quarto passo da sequência expandida, a primeira interpretação, prevê uma apreensão global da obra. Segundo Cosson (2006, p. 83), o objetivo desse momento é levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, bem como o impacto da obra sobre o leitor. A etapa deve ser iniciada em sala de aula, pois significa o fechamento de uma etapa, momento de resposta à obra. Nesse momento o professor deve orientar o aluno a se expressar por escrito e intervir o mínimo possível para que o aluno realize sua própria interpretação da obra. Naturalmente, será explicitado em sala de aula o passo a passo para o aluno realizar a atividade proposta. É importante que essa etapa seja produzida de maneira individual, respeitando-se a particularidade de quem escreve, mas também tendo a sensibilidade de corrigir, se for necessário, e propor também a reescrita do texto.

O quinto estágio da sequência expandida denomina-se *contextualizaçã*o. De acordo com Cosson (2006, p. 86), a contextualização proposta por ele compreende o aprofundamento da leitura por meio dos contextos que a obra apresenta. Segundo a forma tradicional de se separar a literatura da história, o contexto tem sido

considerado apenas a história. Deve-se demonstrar aos alunos que cada vez que se lê uma história, abarca-se também o seu contexto, automaticamente. Recomenda-se evitar uma fronteira entre o texto e o contexto e explorar os diversos aspectos da obra em sala de aula. O autor apresenta sete contextualizações: teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática. Todavia, o professor, diante do seu contexto e necessidade, escolhe aquelas que melhor se adequarem à sua realidade.

A contextualização teórica consiste em explicitar as ideias e conceitos fundamentais à obra. A histórica consiste em relacionar a obra à sociedade em que foi gerada e sua relação interna com a mesma, não se trata de abordar eventos históricos como mera sucessão de eventos, mas buscar a dimensão histórica de toda a obra. Com a contextualização estilística deve-se analisar a ligação entre a obra e o período literário em questão, buscando suas inter-relações. Cosson (2006, p. 87) destaca que nenhuma obra se identifica com o período, portanto, nessa etapa é necessário que se busque analisar o diálogo entre a obra e o período, mostrando como um alimenta o outro. Sendo assim, em *Dom Casmurro*, o realismo pode ser aprofundado buscando-se entender de que maneira o autor fez refletir em sua obra a sociedade da época. Já na contextualização poética, “o que se busca observar é a economia da obra, como ela está estruturada, quais os princípios de sua organização” (COSSON, 2006, p. 88), ou seja, sem reduzir a obra em fragmentos, à catalogação de itens. Inclui-se nessa etapa da sequência expandida, a análise literária, é a leitura da obra de dentro para fora.

Cosson (2006, p. 88) reitera que a contextualização crítica trata da recepção do texto literário, “é, assim, a análise de outras leituras que tem por objetivo contribuir para a ampliação do horizonte de leitura da turma” (p. 89). Essa etapa requer um exercício crítico por parte do aluno, pois ele deve estar preparado para o confronto de opiniões diversas acerca da obra por ele estudada, tais leituras contribuirão para o aumento de seu campo de leitura. Por sua vez, a contextualização presentificadora, que consiste em relacionar a obra ao presente, trata de uma atualização, na qual o aluno procura em sua realidade correspondências com a obra lida. Nesse momento, busca-se elementos na obra estudada que se relacionem de alguma maneira com a atualidade. Importante salientar que relacionar o cânone com a atualidade faz parte das premissas desta pesquisa, uma vez que demonstra ao aluno a universalidade de uma obra clássica, mesmo ela tendo sendo produzida há

mais de um século. Já a contextualização temática consiste em abordar determinados temas presentes na obra, temas com relevância social, por exemplo. Nesse caso, é preciso atentar para a aula não fugir da dedicação literária e se estender somente rumo a temáticas polêmicas, que costumam chamar a atenção dos alunos.

A respeito das sete contextualizações, o autor observa que o professor pode planejar em sua própria sequência de atividades, todas as etapas de contextualizações, ou apenas uma ou mais, dependendo de seu tempo com a turma, interesse demonstrado pelos alunos, que já pode ser observado na aplicação da primeira interpretação e também seus objetivos com o trabalho. Cosson (2006) destaca também que as contextualizações são momentos nos quais o professor deve propor atividades para serem desenvolvidas em grupos, tomando-se o cuidado de orientar os alunos evitando retalhamento das atividades.

Nesta proposta didática, optou-se por apenas duas contextualizações priorizou-se, então, pela presentificadora e temática. Importante salientar que, embora a contextualização poética não tenha sido realizada com os alunos, é relevante que o professor a considere. A partir dela podemos verificar a composição e estruturação da obra, aprofundando a compreensão da mesma. Para tanto, podem ser selecionadas partes do texto que possibilitem discussões sobre a forma como a narrativa é construída, trazendo questões que não foram percebidas durante a leitura. Pode-se solicitar que os alunos façam a relação de categorias importantes como os personagens, narrador, tempo e espaço. Os alunos podem ser divididos em grupos e depois devem socializar o trabalho.

O sexto passo da sequência expandida prevê uma *segunda interpretação* da obra estudada, na qual o estudante apresenta um registro da obra analisada. Vale lembrar que nesta etapa ocorre um compartilhamento de leitura na escola; se consiste em uma leitura aprofundada sobre um dos aspectos do texto e uma exploração guiada desse enfoque, “pode estar centrada sobre um personagem, um tema, um traço estilístico, uma correspondência com questões contemporâneas, questões históricas, outra leitura, e assim por diante, conforme a contextualização realizada” (COSSON, 2006, p. 92). Nesse sentido, a ligação entre segunda interpretação e contextualização é indissociável.

A última atividade é a da expansão, momento de investir nas relações intertextuais. “É esse movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros

textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário, que denominamos expansão" (COSSON, 2006, p. 94). Trata-se de estabelecer e analisar as conexões entre a obra e outras obras. Nela, será proposta a leitura da obra *O dom do crime*, de Marco Lucchesi (2010).

2.2 As obras selecionadas

2.2.1 *Dom Casmurro*

Machado de Assis teve infância difícil, ficou órfão de mãe logo cedo e, após o pai casar-se com dona Maria Inês, também faleceu. Foi cuidado com afeto por sua madrasta e passou a adolescência como vendedor de doces. Começou cedo, aos dezessete anos, a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional e assim começou sua proximidade com as Letras. Aos dezenove anos publicou seu primeiro texto de crítica: "O passado, o presente e o futuro da literatura". Não parou mais. Foram contos, crônicas, romances, poemas, escritos em meio também ao trabalho burocrático que exercia como funcionário público.

O autor ganhou notoriedade na vida pública tanto como intelectual respeitado quanto como funcionário público exemplar que sempre estava a alavancar sua carreira. Em 1896 fundou-se a Academia Brasileira de Letras e Machados foi aclamado como seu primeiro presidente. Faleceu aos 69 anos, após publicar seu último romance, *Memorial de Aires*. As palavras sutis desse grande escritor, também de tom irônico, que discorriam sobre a crueza humana, a burguesia falida, as máscaras sociais, universalizaram-no como o mais completo e5scritor brasileiro.

Foi o autor brasileiro que melhor utilizou o sarcasmo e a ironia. Sua notoriedade se deve também à grande habilidade em utilizar diversos recursos, como a digressão e a intertextualidade. Outro recurso que Machado de Assis utilizou com maestria foi a metalinguagem,[1] percebida na passagem: "Abane a cabeça,

---

1

A metalinguagem é usada quando se deseja falar da própria linguagem usada na comunicação, ou seja, quando a preocupação do emissor está voltada para o próprio código ou linguagem.

leitor; faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já não o obrigou a isso antes; tudo é possível.” (2002, p. 70). Em várias passagens de seus escritos, o autor estabelece diálogos com os leitores. Em Brás Cubas, percebemos o fantasma do protagonista fazendo para o leitor uma análise da própria vida, por exemplo. O leitor é convocado a participar da história que revela seu caráter ficcional, pois na tentativa de se examinar, a obra volta-se para si mesma.

Machado de Assis é um autor atual, isto é, não sai de moda, pois tratou de tantos temas inerentes ao ser humano, como, por exemplo, preconceito, traição, vingança, ódio, ciúmes, hipocrisia etc. O autor utilizou muitos desses temas como maneira de criticar a burguesia de sua época. A verdade é que Machado atravessou a história e firmou-se como o maior cânone da literatura em nosso país. Em seus escritos, estava à frente de seu tempo e sua obra mostra-se atemporal, com relação à temática abordada.

Não obstante a isso, sem misticismo, mas com uma incrível lucidez voltada para a realidade, Machado disseca a alma humana em seus escritos. Essa característica faz com que lê-lo seja intrigante, ao mesmo tempo em que se mergulha na psique dos personagens, é possível ter um vislumbre de grandes temas que envolvem a humanidade em seu sentido mais fundamental.

Dom Casmurro, publicada em 1899, é uma das obras mais emblemáticas da produção de Machado Assis. Mais de um século após sua publicação, multiplicam-se análises sobre ela, fazendo com que seja uma das mais importantes da literatura brasileira. A obra foi traduzida para o inglês, francês, tcheco, espanhol, italiano, polonês e ainda foi transcrita para o teatro e cinema, como prova de sua grandiosidade. O famoso triângulo amoroso vivido por Escobar, Bentinho e Capitu pode ter existido apenas na imaginação de Bentinho, que narrou toda a história, ou pode ter existido, de fato, uma traição de Capitu, afinal, seus “olhos oblíquos e dissimulados”, descritos de maneira tão forte por Bentinho, podem ter enganado muitos outros olhos atentos que percorreram avidamente as páginas do livro, procurando por pistas deixadas por Machado de Assis.

Bento Santiago, narrador-personagem, conta a história já em sua velhice, nessa época, ele já se encontrava sozinho e triste. A história se passa no Rio de Janeiro, sede do império e onde o protagonista vivia com sua mãe, Dona Glória;

José Dias, amigo da família; Tio Cosme, irmão de Dona Glória e a prima de ambos: Justina.

Bentinho e Capitu eram vizinhos de muro e adolescentes, apaixonaram-se e, como precisavam esconder esse sentimento, já que eram muito novos ainda, falavam-se sempre e davam suas desculpas. Bentinho tinha 15 anos nessa época e Capitu, 14, muito embora ela parecesse até ter mais idade que ele, devido à sua astúcia e rapidez nos pensamentos. A história dos dois apaixonados seria até previsível, não fosse o fato de Dona Glória, a mãe de Bentinho, ter prometido Bentinho ao sacerdócio, começando aí as agruras dos adolescentes. Capitu pensa em vários planos para livrar Bentinho da promessa, a menina mostrava-se sempre mais astuta do que o rapaz, que sempre se rendia a seus pedidos. José Dias, amigo que vive em casa de D. Glória, o agregado, auxilia os namorados em seus planos. Nenhum deles funciona e o menino acaba partindo para o seminário.

Durante a sua ausência, Capitu aproveita para se aproximar de Dona Glória, tornando-se cada vez mais indispensável para a viúva. No seminário, o protagonista e narrador Bentinho, encontra um grande amigo e confidente, de quem se torna inseparável: Escobar. Confessa ao companheiro o amor por Capitu e este o apoia, dizendo que também quer sair do seminário e correr atrás da sua paixão: o comércio.

Aos dezessete anos, Bentinho consegue sair do seminário. A ideia saiu da cabeça de Capitu: que Dona Glória adotasse um rapaz e o fizesse padre, já que esta era a promessa da mãe de seu amado: oferecer um padre ao altar. Depois de um pouco de resistência, Dona Glória aceitou a ideia do agregado, ao menos ela acreditava ser dele mesmo a inspiração. Bentinho forma-se advogado aos vinte e dois anos. Nessa altura, se casa com Capitu e seu amigo Escobar se casa com Sancha, amiga de infância da noiva de Santiago. Os dois casais são muito unidos. O narrador tem um filho com a mulher a quem dá o primeiro nome de Escobar: Ezequiel.

Escobar, que tinha o costume de nadar no mar todos os dias, morre afogado. No velório, Bentinho acredita que Capitu estava apaixonada pelo seu amigo, pelo olhar dela ao amigo morto. A partir daí, fica obcecado com a ideia, reparando em cada vez mais semelhanças entre o filho Ezequiel e Escobar. Pensa até em matar o filho mas decide cometer o suicídio quando é interrompido por Ezequiel. Diz-lhe, então, que ele não é seu filho e confronta Capitu, que nega tudo. A família parte para

a Europa, de onde regressa apenas Bentinho. Capitu fica morando com o filho, acabando por morrer na Suíça. Ezequiel, já adulto, vai visitar o pai, que confirma suas suspeitas, considerando que o filho Ezequiel é praticamente igual a Escobar. Ezequiel morre de malária pouco depois. Todos os familiares e amigos de Santiago morrem, ele fica sozinho e decide escrever um livro.

O tempo, em *Dom Casmurro*, mistura presente e passado. Bento Santiago conta suas memórias a partir do presente: no qual ele é amargurado e tem uma vida reclusa. Por meio de *flashbacks*, o narrador-personagem explicita as três fases de sua vida: primeiro, o alegre e apaixonado adolescente Bentinho, depois o adulto, advogado e pai Bento Santiago e, por último, o melancólico Dom Casmurro, cujo apelido veio dos vizinhos. Em *Dom Casmurro*, Machado de Assis trata a complexidade das relações humanas, cruzando verdade e imaginação, traição e desconfiança. Tal como acontece muitas vezes na vida real, neste romance o possível adultério surge envolto em mistérios, suscitando muitas questões, que ficam sem resposta.

2.2.2 *O Dom do Crime*

O autor de *O Dom do Crime* (2010), Marco Lucchesi, é professor de literatura comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em dezembro de 2019, assumiu o terceiro mandato consecutivo como presidente da Academia Brasileira de Letras. Lucchesi utiliza como narrador um homem desconhecido que conta a história em 1ª pessoa, assim como Bentinho, de Machado de Assis. Segundo entrevista de Lucchesi à TV Senado (2011), Machado de Assis poderia ter se inspirado no crime descrito em *O Dom do Crime* para compor seu famoso *Dom Casmurro*. Lucchesi, porém, não dá nome a seu personagem misterioso, apenas revela que se trata de um advogado, já idoso, e que gosta de assistir a julgamentos.

O enredo de *O Dom do Crime* (2010) gira em torno da história contada pelo narrador sobre um crime passional ocorrido em 1866. O marido ciumento, acreditando na traição da esposa, a mata com uma facada. Assim como Machado, o autor utiliza-se bastante do recurso da metalinguagem, “conversando” a todo momento com seu leitor e colocando-o a par da situação, na forma de uma conversa

que aparenta ser até desinteressada, tal é a espontaneidade dispensada pelo autor.

O Dom do Crime é uma narrativa divertida, principalmente para quem gosta de Machado de Assis, uma vez que personagens de Machado de Assis são citados na obra (personagens de *A Cartomante*, Rita, Camilo e Vilela, e de *Dom Casmurro*, Bentinho, Capitu e Escobar, José Dias), levando o leitor a contrastar as personagens realizando comparações, bem como à reflexão acerca do papel da mulher na sociedade, do comportamento da burguesia etc. O autor também comenta na entrevista à TV Senado (2011), que, assim como em *Dom Casmurro* (2002), em O *Dom do Crime* (2010) há uma tentativa de inocentar Capitu, visto que não há comprovações concretas de sua traição. Em *Dom Casmurro* (2002) o castigo é a tortura psicológica e, em *O Dom do Crime* (2010), o castigo é a morte da personagem Helena.

Dom Casmurro e *O Dom do Crime* trazem a palavra Dom em seus títulos, não sem razão, já que dialogam entre si em um século marcado por outro Dom, o *Dom João VI,* responsável por uma revolução sociocultural no Brasil do início do século XIX. O “Dom” do primeiro título corresponde a um título de nobreza sendo ironizado pelo adjetivo “casmurro”, que significa pessoa teimosa, ou que não gosta de companhia. Já o “Dom” do segundo título, equivale a talento, dote natural, talvez aqui esteja uma analogia à normalidade do assassinato frente ao ato cometido pela esposa. José Mariano, o médico, marido de Helena, na narrativa de Lucchesi (2010) é julgado e absolvido pelo assassinato da esposa, por ser considerado portador de loucura transitória e ou insanidade temporária.

4.3 Sequência expandida - *Dom Casmurro*

Turma: 9º ano

Duração sugerida: 21 aulas.

OBRA: ASSIS, Machado de. 1839-1908. *Dom Casmurro*. São Paulo: Paulista, 2002. - Coleção Nossa Literatura.

MOTIVAÇÃO

Duração: 1 aula

Objetivo: Provocar o estudante por meio de questionamentos e reflexões acerca da temática do amor e do sofrimento que ele pode causar, como forma de incitá-lo a ler, posteriormente, o romance de Machado de Assis, *Dom Casmurro.*

Professor,

Inicia-se aqui a proposta da intervenção pedagógica em forma de sequência didática expandida. É fundamental que solicite aos estudantes que guardem suas anotações. O ideal é que todas as atividades sejam preparadas com antecedência, digitadas e impressas, e, após o trabalho em sala de aula, os alunos as guardarão em pastas, em forma de *portfólios*.

A música é uma linguagem universal, elemento lúdico que permite o desenvolvimento cognitivo, afetivo e expressivo, além de ser uma atividade divertida e eficaz para aprendizagem de conteúdos, entretanto, muito melhor e mais interessante para desenvolvimento de valores, já que ajuda na formação do caráter, na inteligência emocional e na construção da identidade do cidadão, e interfere na criação da personalidade do indivíduo, neste caso, o aluno estudante. Assim sendo, sugiro para primeira etapa deste processo, visto que a temática se relaciona com a obra que será estudada nas próximas fases.

A canção escolhida foi “Ciúme”, da banda Ultraje a Rigor, composta em 1985, que manifesta em suas rimas o ciúme desenfreado, assim como o apresentado pelo narrador-personagem Bentinho, em *Dom Casmurro*. É importante o professor realizar algumas perguntas acerca da música em questão a fim de verificar os conhecimentos prévios da turma. Portanto, antes de executá-la, o professor deverá chamar a atenção para o título da canção, por meio de algumas indagações orais. O caráter formativo desta canção reside mais nas provocações que o professor pode fazer, levando os alunos a questionar com criticidade seu conteúdo, que em sua própria composição.

Atividade 1:

Professor,

Conforme o exposto, antes de colocar a música para os alunos ouvirem, é importante realizar algumas perguntas como meio de verificar o conhecimento prévio deles. A música foi retirada do seguinte endereço eletrônico: https://www.letras.mus.br/ultraje-a-rigor/49184/ Acesso em: 30/08/2019.

Questionamentos Orais:

1 - Alguém aqui já escutou a canção *Ciúmes?*

2 – Já ouviram falar na banda Ultraje a Rigor?

3 – Você considera uma temática atual a partir do título da música?

Após os questionamentos, entregar as folhas impressas com a música e tocá-la para os alunos a ouvirem.

Música: *Ciúme* – Ultraje a Rigor (1985)

Eu quero levar uma vida moderninha
Deixar minha menininha sair sozinha
Não ser machista e não bancar o possessivo
Ser mais seguro e não ser tão impulsivo

Mas eu me mordo de ciúme
Mas eu me mordo de ciúme (...)

Professor,

Essa atividade deve ser realizada em equipes. Após a audição da música, solicitar

que respondam às seguintes questões:

1- Você considera o sentimento ciúme, descrito na música, como forma de possessividade ou acredita ser sentimento normal de quem ama?

2- Quem são as personagens nessa canção? Quais palavras assim (o/os) determina (m)?

3- O ciúme é sentido igualmente pelos personagens da música? Justifique.

4- A pessoa que afirma sentir ciúmes nessa canção não consegue controlar esse sentimento, como expresso em vários momentos. Descreva esses momentos.

5- Quais são as possíveis consequências de se nutrir tal sentimento de maneira exagerada? Você já presenciou momentos assim?

6- Em algum momento da canção você percebe a existência de machismo? Em quais?

Após os alunos registrarem suas respostas, o professor solicita que um representante de cada equipe leia as respostas e troquem suas impressões entre a turma, sempre orientados pelo professor.

INTRODUÇÃO

Duração: 2 aulas - data: 13/09/2019

Objetivo: Apresentar aos estudantes o autor e a obra física, bem como os elementos paratextuais que compõem a obra.

Professor,

Na apresentação do autor, procure não se ater tanto a datas, mas sim a informações que contribuam para que o estudante conheça um pouco mais características sobre o escritor que podem influenciar no entendimento da obra escolhida como material de estudo.

Na *introdução,* almeja-se apresentar a biografia de Machado de Assis da seguinte maneira: levar uma caricatura do autor (Anexo 2) f, com recortes em formato de tiras, sendo o número de tiras correspondente ao número de alunos da

classe. Cada tira deve conter uma informação relevante sobre a vida do autor estudado. Cada aluno deve ler uma informação (que lhe foi entregue no início da aula, devidamente numerada) e a caricatura do autor será aos poucos montada na parede da classe pelos alunos. Então, ao mesmo tempo em que os alunos conhecem um pouco da vida e obra do autor, também montam sua caricatura, de maneira colaborativa. (Anexo 3)

Professor,
A caricatura do autor precisa ser preparada com antecedência, bem como as informações acerca de sua vida. O número de frases devem ser elaborados conforme a quantidade de alunos na sala, com dados importantes que compõem a biografia de Machado de Assis.

Atividade 2: Apresentação do autor.

Conforme os alunos colam as informações e formam a caricatura de Machado de Assis, o professor apresenta a biografia do autor.

Professor,
Este é o momento de você apresentar aos estudantes a obra física, justificando para eles sua escolha. Evite falar muito sobre o enredo, pois isso "pode eliminar o prazer da descoberta" (Cosson, 2006, p. 60). É necessário que cada aluno tenha em mãos o seu próprio exemplar, pois, caso contrário, pode atrapalhar o processo de leitura, já que é necessário que todos realizem as atividades de maneira uniforme.

Atividade 3 (Apresentação da obra)

É importante cada aluno ter um exemplar da obra *Dom Casmurro,* como uma maneira de incentivá-los à leitura e também para facilitar o desenvolvimento do trabalho (Anexo 5). Realizar apreciação e leitura de alguns elementos do livro, como

capa e contracapa.

Para esse momento realizar uma pesquisa pela professora acerca das diferentes capas das edições da obra *Dom Casmurro* (Anexo 6). Para tanto, utilizar o projetor multimídia, que facilita o processo, demonstrando aos alunos como cada editora apresentou a obra nas respectivas edições. Oralmente, instar os alunos a manifestar suas opiniões e impressões sobre as diferentes maneiras de apresentá-la. Algumas editoras exibem imagens de alguns personagens, em cores ou em preto e branco, dependendo da atualidade da edição, enquanto outras apresentam apenas o título da obra. A esse respeito, Cosson (2006, p. 61) considera importante notar a pluralidade de capas e o quanto os estudantes podem ficar impressionados com isso, tecendo os mais diferentes comentários e tentando explicar o porquê das diferenças, por assim dizer.

LEITURA
Duração: 1 aula - data: 13/09/2019
Objetivo: Negociar com os estudantes prazos para realização da leitura.

Cosson (2006, p. 61) reitera que o acompanhamento da leitura é fundamental, porque tem um objetivo a cumprir e este pode se perder se não houver acompanhamento adequado. Como a obra escolhida é um romance extenso, a leitura deve ser realizada extraclasse e deve ser acompanhada pelo professor, principalmente para auxiliar o estudante nas dificuldades que podem surgir, especialmente as relativas ao vocabulário.

Nesta pesquisa, há duas propostas de aplicação de sequência expandida de leitura: Dom Casmurro e O Dom do Crime. A primeira sequência, realizada a partir da obra Dom Casmurro, apresenta apenas duas propostas de contextualização, a temática e a presentificadora. Importante destacar que a sequência de Dom Casmurro foi implementada na escola e optou-se por realizar apenas duas, das sete contextualizações, devido ao tempo empregado com o trabalho na escola. Contudo, oralmente, a contextualização poética foi trabalhada com os alunos. Na sequência de O Dom do Crime, são apresentadas propostas de atividades para todas as

contextualizações.

Nesse período é importante levar em conta que os alunos possuem diferentes tempos de leitura, pois há aqueles que leem mais rapidamente e, por outro lado, há aqueles que leem de maneira mais lenta. Portanto, o professor deve ter estratégias para contornar tais necessidades. É importante solicitar aos alunos que registrem em seu caderno, em uma seção destinada apenas para essas anotações, suas dúvidas acerca da leitura, sobre vocabulário, como também sobre o andamento da obra.

Neste momento, considero importante explanar sobre um projeto de leitura existente no colégio em que trabalho, pois ele auxiliou o andamento das atividades previstas na pesquisa. O projeto de leitura, que está no Projeto Político-Pedagógico da instituição, intitula-se “Sempre é tempo de ler”, no qual em uma aula por semana, escolhida de maneira aleatória, toda a comunidade escolar deve realizar uma atividade de leitura. A equipe pedagógica da instituição é responsável por elaborar um cronograma, o qual fica em destaque em cada sala da escola e também na biblioteca. Esse projeto já existe na escola desde 2016, foi elaborado por mim, que tenho a responsabilidade de fomentá-lo junto à comunidade escolar, visto que há certa rotatividade de professores na escola e é necessário que todos conheçam e participe da proposta. A cada ano, os professores pensam em formas de melhorá-lo, para que a leitura tenha objetivo e o tempo destinado à leitura não seja desperdiçado. A leitura, em se tratando dos alunos, é pré-selecionada pelo professor que estará na sala naquele momento, seguindo o cronograma estipulado e de conhecimento de todos, e o professor deve realizar uma atividade com o texto estudado pelos alunos. A atividade pode ser apenas uma conversa ou ser mais consistente, dependendo dos objetivos do professor. Foi acordado com a equipe pedagógica e professores que lecionam no 9º “A” que todas as aulas destinadas ao projeto especificamente nessa turma seriam destinadas à leitura de *Dom Casmurro*, o que contribuiu para o bom andamento da leitura. Os alunos, então, eram convidados nesses momentos a deixarem a sala para realizar a leitura no pátio da escola ou onde preferissem. Foi negociado com eles que a leitura da obra teria três intervalos, nos quais haveria outras atividades em sala de aula, relacionadas ao enredo do romance.

Professor,

É muito importante que se converse com os alunos sobre a necessidade de se efetivar a leitura das páginas propostas, explicando-lhes que prejudicará sobremaneira o entendimento das atividades e também a leitura da obra se não se cumprir os prazos estabelecidos para a leitura.

A edição que utilizamos possui 187 páginas e 148 capítulos, de modo que a leitura pode serdividida dessa maneira, segundo especificado no quadro abaixo:

Período de Leitura	**Intervalos**
1º ao 34º capítulo / até a página 52	
	1º Intervalo
33 capítulos / 35º ao 70º capítulo – 40 páginas	
	2º Intervalo
40 capítulos / 71º ao 109º capítulo – 44 páginas	
	3º Intervalo
38 capítulos / 110º ao 148º capítulo – 40 páginas	

1º INTERVALO

Duração: 2 aulas -

Objetivos: Realizar releitura da obra *Dom Casmurro* por meio de apresentação do vídeo do 1º capítulo da minissérie “Capitu”, apresentada na Rede Globo de Televisão.

Professor,

Você encontra esse vídeo no seguinte endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=d2acO_d0f30 Acesso em: 01/09/2019

Atividade 4: Vídeo

Apresentar aos estudanteso vídeo do 1º capítulo da minissérie intitulada

“Capitu”, exibida pela Rede Globo de Televisão em 2008. Exibir apenas o primeiro capítulo, evitando-se, assim, avançar na história mais do que os alunos já alcançaram na leitura. Considera-se importante essa atividade já no 1º intervalo, permitindo, assim, que os alunos realizem comparações entre personagens do vídeo e do livro. Segundo artigo publicado na revista *Matrizes*, por Renato Luiz Pucci Jr (2008, p. 217), a narração apresentada na minissérie é um elemento que evidencia notável afinidade com o texto machadiano.

Ainda que seja visto com reservas as adaptações literárias, principalmente por se tratar, reconhecidamente, de uma das mais célebres obras da literatura brasileira, percebe-se em “Capitu” que a narração em 1ª pessoa foi preservada, bem como a linguagem dos personagens.

Professor,

Neste momento você pode tirar dúvidas que surgirem referentes à leitura que os alunos estão fazendo extraclasse, principalmente com relação ao vocabulário. As atividades desta etapa serão também registradas pelos alunos e arquivadas em sua pasta.

2º INTERVALO

Duração: 3 aulas - Objetivos: Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, de forma a reconhecer nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Trabalhar a estrutura da narrativa.

Estabelecer intertextualidade com a obra lida.

Professor,

Entregar o conto “A Cartomante” aos alunos com antecedência, de maneira que eles o leiam na própria escola durante a aula de leitura. É um texto longo e,

portanto, requer mais tempo.

Atividade 5: Leitura de *A Cartomante*

Apresentar o texto, também de Machado de Assis, *A Cartomante* (Anexo 7), que versa sobre um triângulo amoroso, no qual estão presentes o ciúme e a traição; uma característica da obra machadiana que pode ser trabalhada neste momento. Nessa etapa do trabalho, realizar com os alunos um trabalho de verificação sobre a intertextualidade entre as duas personagens femininas das obras de Machado de Assis, Capitu e Rita. Assim como em *Dom Casmurro*, em *A Cartomante* há também dois grandes amigos, mas, diferentemente do romance, no conto fica clara a traição, contada pelo narrador, que, dessa vez, está em 3ª pessoa. Além das semelhanças com o romance estudado nesta pesquisa, optou-se também pela escolha do conto, mesmo se tratando de leitura extensa, devido estar previsto no planejamento do 9º ano o trabalho com a estrutura narrativa e análise do gênero conto.

Atividade

É importante que antes de iniciar essa atividade, os estudantes já tenham estudado sobre os elementos da narrativa**,** conteúdo constante no planejamento dessa série. (Anexo 8)

Fazer alguns questionamentos, de maneira oral, sobre o conto.

1- Vocês esperavam o desfecho ou se surpreenderam?

2- Já ouviram falar de *Hamlet*? Por que razão será que é com ele que se inicia esse conto?

3- Vocês notaram alguma semelhança com a obra *Dom Casmurro*, também de Machado de Assis?

Professor,

Dividir em equipes quatro alunos cada e distribuir questões a serem respondidas por escrito, para, posteriormente, serem arquivadas em suas pastas. Como são muitas questões, o fato de ser em equipe pode auxiliá-los nas atividades.

Questões:

1 No início do texto, o narrador refere-se à personagem da tragédia *Hamlet,* de Shakespeare. A que personagens do conto corresponderiam, respectivamente, Hamlet e Horácio? Explique.

2 O tempo, nesse conto apresenta linearidade ou não? Explique.

3 Identifique, na narrativa, adjetivos utilizados pelo narrador que podem interferir na opinião do leitor.

4 Relacione o desfecho com o tema do conto. Esse desfecho confirma ou desmente a frase de Hamlet com que o narrador iniciou sua história? Explique.

5 O vocabulário atrapalhou seu entendimento em relação ao conto lido? Em que momento?

6 Você acredita que ainda hoje casamentos são mantidos para se manter aparências ou estabilidade financeira?

(Anexo 9)

3º INTERVALO

Duração: 2 aulas Objetivos: Analisar dois poemas de Vinícius de Moraes, procurando correspondência entre eles e a obra de *Machado de Assis*, Dom Casmurro.

Atividade 6 Leitura de poemas

Realizar nesta etapa a leitura de dois poemas de Vinícius de Moraes, *Soneto de Fidelidade* e *Soneto de Separação*. A escolha dos dois poemas deve-se à temática abordada por eles – o amor, a fidelidade e também a separação, o que vem ao encontro da temática do romance escolhido nesta pesquisa.

Entregar a cada aluno, primeiramente, o poema de Vinícius de Moraes, *Soneto de Fidelidade*, que aborda os sentimentos de amor e fidelidade em um relacionamento. O poeta Vinícius de Moraes, conhecido carinhosamente como “poetinha”, dedicou a maior parte de sua obra a escrever sobre o amor. O poema é um clássico da literatura brasileira e ainda hoje se faz atual e conhecido por embalar casais apaixonados. Solicitar aos alunos que realizem primeiramente leitura

silenciosa, como orienta Cosson (2006, p. 65), e depois o poema ler em voz alta.

Professor,

Entregar aos alunos os poemas separadamente, de maneira que se faça a leitura primeiro do *Soneto de Fidelidade* e, depois, do *Soneto de Separação*. (Anexo 10)

Explicar as características do soneto.

Relembrar as figuras de linguagem encontradas nos poemas, já estudadas pela classe.

Atividade relacionada ao *Soneto de Fidelidade*: (Anexo 11)

1) Após a leitura do poema, discutir com os alunos sobre a concepção de amor que o eu-lírico apresenta. Dialogar, com os estudantes, sobre seus sentimentos após esta leitura.

2) O poema apresenta o amor eterno como uma questão importante, mas também expõe a visão de amor embasada na intensidade da duração, não apenas no tempo do efetivo relacionamento. Encontrar, no texto, os versos em que se confirma essa afirmação. Verificar oralmente a visão dos estudantes sobre essa realidade.

3) Observar o verso “Quem sabe a solidão, fim de quem ama” (v.11) e refletir sobre o que o eu-lírico destaca, no que se refere ao amor. Fomentar um debate sobre a opinião dos estudantes em relação à visão do eu-lírico.

4- O eu-lírico, na primeira estrofe do soneto, declara seu amor pela amada, renunciando a quê?

5- O poeta, por meio de antíteses, relata que o amor deve resistir a tudo. Quais são essas antíteses?

6- Na quarta estrofe, há um paradoxo. Identifique e explique-o.

7- Você consegue estabelecer alguma semelhança com o livro que está lendo, *Dom Casmurro*?

Considero mais adequado realizar primeiramente a atividade com o *Soneto de Fidelidade* apenas por questão de cronologia, correlacionando-o à obra estudada, já que no primeiro poema o poeta evoca o amor e faz alusão ao amor infinito, mesmo havendo a possibilidade de este se findar, ainda assim há uma visão de se

eternizar o amor, não demonstrando dor, ou tristeza, ao contrário, nesse poema, o amor é soberano e prevalece a tudo. Não por acaso, na obra que contém os dois poemas – *Sonetos, poemas e baladas*, O *Soneto de Fidelidade* abre o livro e o *Soneto de Separação* o encerra. Esse fato nos remete à obra de Machado de Assis, pois ela começa com um amor arrebatador, que leva Bentinho a enfrentar a mãe por Capitu, e, ao fim, termina de maneira triste e melancólica.

Atividade relacionada ao *Soneto de Separação.* (Anexo 12)

1- Descreva de que maneira as antíteses mostram o impacto da perda do amor na vida de uma pessoa.

2- Você acredita que o imediatismo da expressão “de repente” pode causar um grande impacto em alguém? Exemplifique.

1ª INTERPRETAÇÃO

Duração: 2 aulas - ~~data: 13/11/2019~~

Objetivo: Levar o aluno a traduzir a impressão geral da obra, produzindo uma resenha acerca do livro estudado**.**

Professor,

Nesse momento é necessário que se trabalhe com o estudante as características da resenha. Foi entregue aos alunos um modelo (Anexo 13). Os conectivos (Anexo 14) são bastante utilizados em produções de textos e o momento requer uma rápida releitura, visto que esse é um conteúdo já estudado pelos estudantes nesse ano letivo. Destaco, ainda, que este é um momento muito particular, sendo assim, esta é uma atividade que deve ser realizada de maneira individual. Você, professor, deve auxiliá-lo na reescrita dos textos, contudo deve tomar o extremo cuidado para não modificar a ideia do aluno.

Atividade 7: Elaboração de resenha

Atividade.

1- Resenhar não é resumir uma história. Suponha que, ao escrever uma resenha, o leitor de seu texto não conheça a obra que você leu ou o filme a que você assistiu. Cabe a você, portanto, apresentar ao seu leitor esse “produto” cultural, por meio de suas impressões e opiniões sobre o texto estudado.

2- Primeiramente, pense nesses aspectos: Quem é o autor? Qual é o tema ou o objeto cultural de sua resenha? Onde foi publicada? Em que data?

3- Identifique os elementos que compõem uma resenha - Na parte descritiva, se for um livro, são dadas as seguintes informações: nome do autor (ou autores); título completo da obra; nome da editora; lugar e data da publicação; número de volumes e páginas. Lembre-se que resenhas têm título atribuído a elas pelo resenhista, um título diferente do nome original da obra.

4- Analise os conectivos, como mecanismos que fazem a ligação entre as ideias, frases e os parágrafos. Observe: quando você quer passar a noção de adição de ideias, os quais conectivos você pode usar, ou a noção de contraste entre ideias ou argumentos contrários, explicação, introdução de argumentos, causas ou justificativas ou introdução de uma conclusão. Por exemplo: uma vez que/ justificativa.

5- Descreva a estrutura: escreva sobre a divisão em capítulos, sobre o foco narrativo – personagens, ambiente, tempo, narrador.

6- Analise de forma crítica: argumente sua defesa ou sua ofensiva, contra ou a favor da obra, dando explicações convincentes sobre cada opinião. Dê asas à sua imaginação.

CONTEXTUALIZAÇÃO PRESENTIFICADORA

Duração: 2 aulas Objetivo: Buscar a correspondência da obra com o presente da leitura.

- **Atividade 8: Estudo da personagem Capitu, procurando estabelecer uma conexão com o perfil e a representação social das mulheres da contemporaneidade.**

A menina Capitolina, em *Dom Casmurro,* está à frente de sua época. Ela gosta de falar o que pensa, deixando Bentinho, muitas vezes, boquiaberto e sem saber o que pensar. José Dias, inclusive, o adverte quanto aos olhos de Capitu, que segundo ele, são “oblíquos e dissimulados”. *Dom Casmurro* nos deixa um grande mistério quanto à personagem de Capitu, mas isso se deve também ao fato de a obra ser contada pelo marido ciumento Bentinho. Se essa história ocorresse nos dias atuais, teria tido o mesmo desfecho? Será que Capitu teria aceitado facilmente as decisões do marido?

Professor,

Para esta atividade serão necessários os seguintes materiais: canetinhas, cartazes, colas, revistas. É necessário que se providencie os materiais com antecedência. Serão utilizados dois vídeos de seis minutos cada sobre Malala, a jovem paquistanesa que se tornou a pessoa mais nova a vencer o prêmio Nobel da paz.

Disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=Xadgl1OOIns. Acesso em 01/05/2019 e https://www.youtube.com/watch?v=mho21uEXsdE. Acesso em 01/05/2019

Atividades

1Dialogar com os alunos sobre a personagem Capitu, de *Dom Casmurro*. Contextualizar a personagem à sua época e questionar como seriam os acontecimentos se fossem nos dias atuais.

2 Esclarecer o significado da expressão “Empoderamento feminino”.

3 Mostrar o vídeo com informações sobre Malala e depois outro que contém uma entrevista com a jovem.

4 Solicitar que citem outros exemplos de empoderamento feminino, inclusive de pessoas residentes em seu bairro.

5 Com os alunos divididos em sete equipes com quatro alunos cada, propor que confeccionem cartazes sobre a temática de empoderamento feminino.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA

Duração: 2 aulas

Objetivo: ampliar o horizonte de leitura com os objetivos do letramento literário na escola**.**

- **Atividade 9: Reescrita do texto transformando o leitor em narrador-personagem**

Caro aluno, imagine que você é Bentinho e está exatamente na cena em que seu melhor amigo morre e você, vendo sua esposa triste com o ocorrido, começa a nutrir uma leve desconfiança em relação a ela. Agora, você é Bentinho, portanto, pode terminar a narrativa a seu modo. Não precisa se prolongar tanto, mas a história requer ainda bons acontecimentos. Use sua criatividade!

Professor,
Essa atividade é muito interessante para perceber a criatividade do aluno e o quanto ele está envolvido com o romance. Deixe-o livre com suas ideias, auxiliando-o quando necessário. Depois do texto escrito e reescrito, com as adequações necessárias. Ele será exposto à turma, em forma de painel. Você pode solicitar que alguns leiam suas produções em voz alta para a turma.

Contextualização Poética

01 aula

Professor,

Lembre-se da necessidade de promover a socialização das atividades realizadas para trocas de ideias e enriquecimento da atividade.

Atividade 13

Solicitar que os alunos respondam:

1) Em uma obra narrada em 1ª pessoa, o leitor tem alcance sobre toda a história?

2) Descreva as personagens da história.

3) Como era o tempo da narrativa em *Dom Casmurro*?

4) Em sua opinião, a conclusão a que Bentinho chegou sobre sua amada foi justa?

SEGUNDA INTERPRETAÇÃO (2 aulas)

Duração: 2 aulas - data: 27/11/2019

Objetivo: Detectar se houve leitura aprofundada da obra analisando a oralidade dos estudantes no domínio da obra.

Atividade 10: Síntese integradora

Propor aos estudantes que, em equipes, organizem material sobre o romance estudado para apresentar à outra turma da mesma escola. Orientar que eles podem utilizar slides e ou cartazes, de modo que tenham algum material concreto para apresentar à outra turma.

Professor,

Antecipadamente, peça para que façam seis grupos com quatro alunos cada. Oriente que realizarão apresentação oral à turma do 8º ano do colégio e que poderão utilizar os instrumentos que lhe julgarem necessário. A apresentação pode ser enriquecida com slides, cartazes, desenhos, resenhas, enfim, materiais novos e ou aqueles produzidos por eles no decorrer dos três meses de trabalho.

EXPANSÃO: (1 AULA)

- **Atividade 11:** Apresentação da obra de Marco Lucchesi, *O Dom do Crime*, que dialoga com a obra machadiana *Dom Casmurro*.

Conversar sobre as relações entre as duas obras, demonstrando sua importância ao retratar situações que fazem parte da sociedade, trazendo para o debate, temáticas que continuam atuais e que são importantes para reflexão.

4.4 SEQUÊNCIA EXPANDIDA O Dom do Crime

Turma: 9º ano

DURAÇÃO: 26 aulas.

Obra: LUCCHESI, Marco. *O dom do crime*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MOTIVAÇÃO (1 aula)

Objetivo: Provocar o estudante por meio de questionamentos e reflexões acerca da semelhança das obras estudadas. Para esta atividade, é aconselhável que os

alunos estejam em círculo.

- **Atividade 1:** Audição da entrevista do autor Marco Lucchesi à TV Senado, na qual o autor aponta semelhanças entre sua obra e a obra *Dom Casmurro* (2002), de Machado de Assis. Essa entrevista, concedida por Lucchesi a Margarida Patriota, tem duração de 17 minutos.

Professor,

Inicia-se aqui a aplicação da intervenção pedagógica em forma de sequência didática expandida. É fundamental que solicite aos estudantes que guardem suas anotações. A proposta é que todas as atividades sejam preparadas com antecedência, digitadas e impressas, e, após o trabalho em sala de aula, os alunos as guardarão em pastas, em forma de *portfólios*.

A entrevista está disponível no endereço eletrônico: https://www12.senado.leg.br/radio/1/autores-e-livros/o-dom-do-crime-2a-parte-2011-02-11.

Após a entrevista, conduzir os alunos a um debate a respeito das semelhanças apontadas pelo autor acerca das duas obras, sendo uma delas já conhecidas pelos alunos. Chamar a atenção do aluno para momentos nos quais o autor cita as personagens e suas semelhanças.

- **Atividade 2**

Realizar oralmente as seguintes questões:

a. Considerando a fala de Marco Lucchesi, em que se assemelham as duas obras: *Dom Casmurro* e *O Dom do Crime*?

b. Na entrevista, o autor cita um crime em Machado de Assis. Qual crime houve e de que maneira ele existiu?

INTRODUÇÃO

Duração: 1 aula

Objetivo: Apresentar aos estudantes o autor e a obra física, bem como os elementos paratextuais que compõem a obra.

- **Atividade 3:** Mostrar aos alunos um vídeo de uma entrevista do autor, com duração de cinco minutos, apresentando a eles o escritor e professor Marco Lucchesi, chamando a atenção deles de que trata-se de um escritor contemporâneo. Explicar sobre a existência da Academia Brasileira de Letras (citada na entrevista), sua função e importância para o cenário nacional.

Professor,

Nesta etapa, cada aluno deve estar com seu exemplar em mãos (Anexo 19). Isso é importante para facilitar o desenvolvimento do trabalho, pois dificilmente a escola suprirá esta demanda.

Na apresentação do autor, procure não se ater tanto a datas, mas sim a informações que contribuam para que o estudante conheça um pouco mais características sobre o escritor que podem influenciar no entendimento da obra escolhida como material de estudo.

Professor, você encontra essa informação no seguinte endereço eletrônico: http://g1.globo.com/globo-news/dossie-globo-news/videos/t/ultimos-programas/v/miriam-leitao-marco-lucchesi-e-o-mais-jovem-presidente-da-abl-em-70-anos/6694554/

- **Atividade 4**

Entregar aos alunos o livro físico e explorar os elementos paratextuais, como capa, contracapa, orelhas, que nessa edição oferece bastante informações. Conversar com os alunos especialmente sobre a capa, chamando a atenção deles para a palavra “DOM”, levando-os a construir hipóteses entre a semelhança com o título já estudado de Machado, como também para a mancha de sangue existente na capa.

LEITURA

Duração: 1 aula

Objetivo: Acordar com os estudantes prazos para realização da leitura.

Atividade 5

Combinar com os alunos que a leitura da obra terá três intervalos, nos quais existirão outras atividades em sala de aula, relacionadas ao enredo do romance.

Professor,

É muito importante que se converse com os alunos sobre a necessidade de se efetivar a leitura das páginas propostas, explicando-lhes que prejudicará sobremaneira o entendimento das atividades e também compreensão da leitura da obra se não se cumprir os prazos estabelecidos para a leitura. Estabeleça com os alunos o pacto de leitura, explique que ela será realizada extraclasse e os instrua para o registro de leitura das impressões, dificuldades, opiniões sobre a obra dentre outros aspectos. A leitura será dividida em 3 intervalos, com prazo de 7 dias entre cada um.

A edição selecionada possui 155 páginas e 38 capítulos, contando com o posfácio[2], de modo que a leitura foi dividida dessa maneira, segundo especificado no quadro abaixo:

Período de Leitura	Intervalos
1º ao 9º capítulo / até a página 48	
	1º Intervalo
11º ao 22º capítulo – 52 páginas	
	2º Intervalo
23º ao posfácio – 55 páginas	
	3º Intervalo

1º INTERVALO

2 aulas

Objetivos: Realizar atividade de análise de texto a partir da canção “Só minha” de Robson Biollo. O vídeo dessa música é em forma de conversa do aplicativo *whatsapp*, o que chama a atenção dos alunos. É ideal que a cada atividade sempre ocorra socialização das atividades realizadas.

Professor,

Você pode encontrar a música no seguinte endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=ZwtGC2h6DEU Acesso em: 30/11/2019.

Música “Só minha”, Robson Biollo

(fragmento)

Se eu sinto ciúmes é porque me importo

2

. Posfácio: adendo, explicação ou advertência colocados no fim de um livro, depois de pronto.

Se brigo às vezes é que não suporto

Que alguém olhe pra ti

Além de mim você é minha, só minha, só minha...(...)

Atividade 6

Cada aluno deve responder às seguintes perguntas e realizar as atividades propostas:

1- No quarto verso da primeira estrofe da letra desta canção, temos: *"Além de mim você é minha, só minha, só minha".*

Responda:

A- Pronomes Possessivos são palavras que, ao indicarem a pessoa gramatical (possuidor), acrescentam a ela a ideia de posse de algo (coisa possuída). No verso acima o pronome *"minha"* remete a essa mesma ideia? Hipoteticamente falando, quem seria o possuidor e quem seria a coisa possuída?

B- No início de um relacionamento tudo é maravilhoso, e os envolvidos veem o "ciúme" como um sentimento positivo. Nessa canção, como você caracteriza as personagens? Quem você acredita que é mais ciumento (a)? "Quem mais sente ciúmes, é também quem ama mais?" Explique com passagens do texto:

2º INTERVALO

Duração: 2 aulas

Objetivos: Realizar atividade de análise de texto a partir do poema de Carlos Drummond de Andrade (1984) "As sem razões do amor". (Anexo 20)

Professor,

Você encontra esse poema no seguinte endereço eletrônico: https://www.letras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/983318/. Acesso em 21/10/2019.

No endereço eletrônico abaixo você encontra também uma versão desse poema em forma de música gravada por Tunai e Milton Nascimento. Oferecer a audição do poema em forma de música é uma forma de enriquecer a atividade.

https://www.youtube.com/watch?v=184lpP2mKDA . Acesso em 21/10/2019.

Atividade 7

Cada aluno deve responder às seguintes perguntas e realizar as atividades propostas: (Anexo 21)

1) No título do poema, está presente um jogo de ideias contrárias que problematiza o amor - sentimento de muitas razões e de razão alguma. Em qual dos versos abaixo melhor problematiza o amor? Por quê?

a) "Não precisa ser amante, / e nem sempre sabes sê-lo" (versos 2 e 3)
b) "Amor é estado de graça / e com amor não se paga" (versos 5 e 6)
c) "é semeado no vento, / na cachoeira, no eclipse" (versos 8 e 9)
d) "Amor é primo da morte, / e da morte vencedor" (versos 18 e 19)

2) Observa-se, na 4ª estrofe do poema (linhas 1 e 2), que o eu-lírico afirma que não ama bastante a si mesmo. *Eu te amo porque não amo / Bastante ou demais a mim.* O que você pensa a respeito dessa afirmação?

3) O amor, segundo o autor, está presente em diversos lugares. Que lugares são esses?

4) No verso: "Amor é primo da morte, / e da morte vencedor" (versos 18 e 19), o autor refere-se à fragilidade ou força do amor? Ou seria ambos? Como você interpreta esses versos?

3º INTERVALO

Duração: 2 aulas.

Objetivos: Definir e exemplificar o termo “intertextualidade” e realizar checagem de leitura.

Intertextualidade

A intertextualidade acontece quando um texto retoma uma parte ou a totalidade de outro texto – o texto fonte. Geralmente, os textos fontes são aqueles considerados fundamentais em uma determinada cultura. A intertextualidade é, portanto, uma forma de diálogo entre dois ou mais textos. Importante destacar que a intertextualidade pode ocorrer entre textos de mesma natureza ou de naturezas diversas, como músicas, poemas, ou obras de arte, por exemplo. Tais textos podem estar distantes no tempo e no espaço, contudo, dialogam entre si.

Atividade 8

1) Apresentar aos alunos a tirinha de Mafalda (Anexo 22) e explicar a intertextualidade existente entre ela e aos contos de fadas, nos quais geralmente os ogros, ou monstros, perseguem as crianças.

Professor,

Você encontra a tirinha de Mafalda no seguinte endereço eletrônico: https://blogdoenem.com.br/wp-content/uploads/2017/02/3_Intertextualidade.jpg. Acesso em 16/11/2019.

2) Há intertextualidade entre as obras *Dom Casmurro e O Dom do Crime*? Explique.

3) Na obra *O Dom do Crime*, além de *Dom Casmurro*, alguma outra obra é citada? Qual?

4) Aplicar a seguinte dinâmica: escrever algumas perguntas relacionadas à obra estudada (Anexo 23) em alguns papeis (recortados antecipadamente), sorteá-los entre os alunos e, a cada resposta dada, o aluno ganha um brinde (um bombom).

PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO (2 aulas)

Atividade 09

Realização de uma entrevista informal em duplas, na qual cada aluno indaga ao outro sobre os pontos que mais chamaram sua atenção na leitura. Com os dados das entrevistas, cada aluno deve elaborar um resumo, refletindo sobre suas opiniões acerca da obra. Atividade realizada em sala, com a necessária abertura para que os alunos possam manifestar sua expressão pessoal, sem, no entanto, aceitar manifestações como “gostei” ou “não gostei”.

CONTEXTUALIZAÇÕES: (11 aulas)

Contextualização Teórica

2 aulas

Atividade 10

Levar uma pessoa, de preferência um (a) advogado (a) para conversar com os alunos sobre a questão do feminicídio, hoje, infelizmente, bastante frequente nos noticiários.

Professor,

É importante que os alunos notem que, à época da obra lida, existia uma outra nomenclatura e também outro entendimento e julgamento de crimes como o ocorrido na história.

Contextualização histórica

2 aulas

Atividade 11

Solicitar que os alunos realizem uma pesquisa sobre os acontecimentos históricos da época da história narrada.

Professor,
Procure levar os alunos a relacionar o texto com a época descrita na narrativa.
Havia crítica social? Havia preconceito? De que tipo?

Contextualização Estilística

2 aulas

Atividade 12

Retomar, com os alunos, o conceito da intertextualidade e solicitar uma pesquisa na obra estudada, de levantamento de intertextualidade encontrada.

Professor,
É de suma importância que o aluno seja capaz de estabelecer as relações de intertextualidade presentes em *Dom Casmurro* e *O Dom do Crime*. Instigá-los a explorar essas relações presentes na obra ora analisada e compartilhar com os colegas.

Contextualização Poética

01 aula

Atividade 13

Solicitar que os alunos respondam:

1) Em uma obra narrada em 1ª pessoa, o leitor tem alcance sobre toda a história?

2) Descreva as personagens da história.

3) Como era o tempo da narrativa em *O Dom do Crime*?

4) Em sua opinião, a conclusão do julgamento foi justa?

Professor,
Lembre-se da necessidade de promover a socialização das atividades realizadas para trocas de ideias e enriquecimento da atividade.

Contextualização Presentificadora

01 aula

Professor,
Retome os conhecimentos que a (o) advogada (o) ensinou aos alunos. Solicite que realizem uma pesquisa acerca das leis abordadas na palestra, lembrando-lhes do crime ocorrido. Peça-lhes para refletir sobre as mudanças na lei principalmente no tipo de crime praticado na época.

- **Atividade 14**

  Promover um debate levantando as seguintes questões:

1) Atualmente, o crime passional recebe a mesma punição da que recebia à época da obra estudada?

2) Como é a pena hoje e como era antigamente?

3) Hoje em dia, como é visto o adultério perante a lei?

Contextualização Temática

3 aulas

- **Atividade 15**

Em conjunto com a professora de Arte, incentivar os alunos a realizar uma dramatização sobre a obra estudada, a partir da escolha de alguma cena ou aspecto do texto.

Professor,
Você deve conversar com a diretora se houver necessidade de os alunos ensaiarem no contra turno a dramatização.

SEGUNDA INTERPRETAÇÃO (3 aulas)

Atividade 16

Apresentar aos alunos o gênero resenha, explicar o passo a passo, esclarecendo a diferença entre resumo e resenha. (Anexo 24).

Atividade 17

Solicitar aos alunos, de maneira individual, uma resenha da obra lida.

EXPANSÃO: (1 AULA)

Atividade 18

Introdução da obra *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, um clássico inglês narrado no século XIX. Essa obra tem como protagonista Elizabeth Bennet, uma jovem bela, orgulhosa, de personalidade forte e vanguardista para o seu tempo, Lizzie, como é chamada pelos íntimos, carrega dentro de si inquietações com as convenções sociais do seu tempo.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de, 1839-1908. *Dom Casmurro* / Machado de Assis. - São Paulo: Paulus, 2002. - Coleção Nossa Literatura.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura* / William Roberto Cereja. – São Paulo : Atual, 2005.

COSSON, Rildo. *Letramento literário***:** teoria e prática. São Paulo, Contexto, 2006.

ENTREVISTA de Marco Lucchesi: *O Dom do Crime.* [s. d.] Disponível em: http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=1766&id_entrevista=292, acesso em 18/11/2019.

LUCCHESI, Marco. *O Dom do Crime.* Rio de Janeiro: Record, 2011.

MINISSÉRIE CAPITU. Exibida pela Rede Globo de televisão. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UYjauaIcFoQ. Acesso em 18/07/2019.

MORAES, Vinícius de. *Poesia Completa e Prosa*. Volume Único. Organização Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

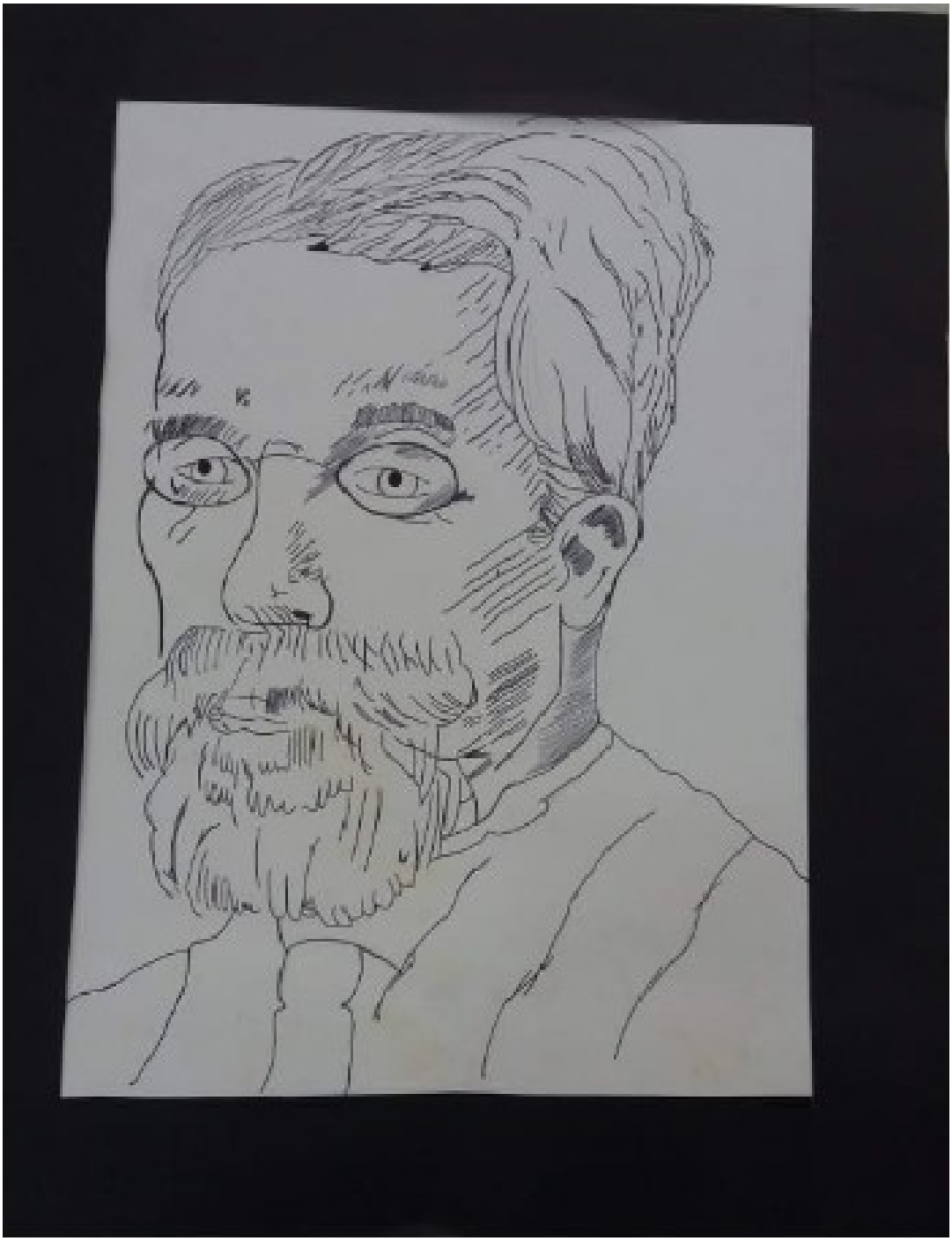
PAULINO, Graça. *Formação de leitores: a questão dos cânones literários*. Revista Portuguesa de Educação, v. 17, n.1, 2004, p. 47-62.

PUCCI, Renato Luiz J. A minissérie Capitu: Adaptação televisiva e antecedentes fílmicos. *Revista Matrizes,* v. 5 , nº 2, p. 213-230, jan./jun. 2012.

ROUXEL, Annie. *Aspectos metodológicos do ensino da literatura.* In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia, JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013. p.17- 33.

ANEXOS

ANEXO 2 – CARICATURA DE MACHADO DE ASSIS



ANEXO 3 FRASES QUE COMPUSERAM O VERSO DO CARTAZ DE MACHADO

DE ASSIS.

1- Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 1839.

2- É um dos nomes mais importantes da literatura brasileira, tendo produzido romances, contos, crônicas e poemas. Além disso foi jornalista, teatrólogo e crítico literário.

3- Machado de Assis teve uma infância difícil, pois muito cedo perdeu sua mãe e sua única irmã. Aos 12 anos, perdeu também seu pai e terminou de ser criado pela então madrasta.

4- Sem meios para estudos regulares, estudou como pôde, contudo, a despeito da dificuldade, aos 15 anos incompletos publicou seu primeiro trabalho literário, o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A.”, no *Periódico dos Pobres.*

5- Aos dezessete anos começou a trabalhar como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional e conheceu o escritor Manuel Antonio de Almeida, o qual tornou-se seu protetor.

6- Machado de Assis tinha muito talento e dois anos depois já estava exercendo a função de revisor e colaborador no Correio Mercantil.

7- Nesse mesmo ano escrevia regularmente também para a revista *O Espelho*, onde estreou como crítico teatral, a *Semana Ilustrada* e o *Jornal das Famílias*, no qual publicou de preferência contos.

8- O primeiro livro publicado por Machado de Assis foi a tradução de *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), impresso na tipografia de Paula Brito.

9- Em 1862, era censor teatral, cargo não remunerado, mas que lhe dava ingresso livre nos teatros.

10- Começou também a colaborar em *O Futuro*, órgão dirigido por Faustino Xavier de Novais, irmão de sua futura esposa.

11- Seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*, saiu em 1864, quando o autor tinha 25 anos. Três anos depois, foi nomeado ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial*.

12- Ele foi casado por 35 anos com Carolina Machado, que era quatro anos mais velha, o casal não teve filhos. Alguns especialistas dizem que Carolina era muito inteligente e ajudava na revisão dos textos. Com a morte da mulher, Machado entrou em profunda depressão e escreveu para o amigo Joaquim Nabuco: “Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo”.

13- O primeiro romance de Machado, *Ressurreição*, saiu em 1872. No ano seguinte, o escritor foi nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, iniciando assim a carreira de burocrata que lhe seria até o fim o meio principal de sobrevivência.

14- Machado de Assis publicou muito: contos, romances, críticas, poemas, crônicas. Era escritor incansável.

15- Em 1881 saiu o livro que daria uma nova direção à carreira literária de Machado de Assis - *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que ele publicara em folhetins na *Revista Brasileira* de 15 de março a 15 de dezembro de 1880.

16- Publica Dom Casmurro, 1899.

17- Do grupo de intelectuais que se reunia na redação da *Revista*, e principalmente de Lúcio de Mendonça, partiu a ideia da criação da Academia Brasileira de Letras, projeto que Machado de Assis apoiou desde o início.

18- Comparecia às reuniões preparatórias e, no dia 28 de janeiro de 1897, quando se instalou a Academia, foi eleito presidente da instituição, à qual ele se devotou até o fim da vida. Estava fundada, portanto, a ABL – Academia Brasileira de Letras.

19- Em 1888, foi condecorado pelo então imperador Dom Pedro 2º com a Ordem da Rosa e, meses depois, foi indicado para fazer parte da Secretaria da Agricultura. Anos mais tarde, chegou a ocupar o cargo de diretor-geral da viação da Secretaria da Indústria, Viação e Obras Públicas.

20- O autor era enxadrista e participou do primeiro campeonato brasileiro do esporte mental, ficando em terceiro lugar. As peças que utilizou estão expostas até hoje na Academia Brasileira de Letras.

21- Machado foi responsável por uma das primeiras traduções do conto *O Corvo*, de Edgar Allan Poe. O autor brasileiro falava francês — alguns acreditam que ele

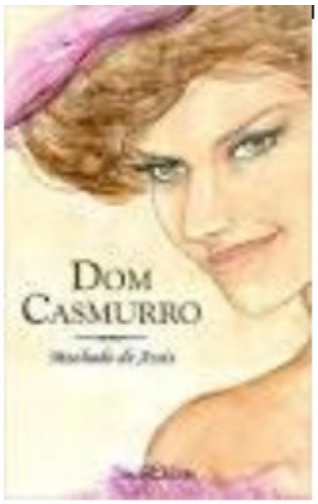
aprendeu a língua com um padeiro — e também traduziu *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo.

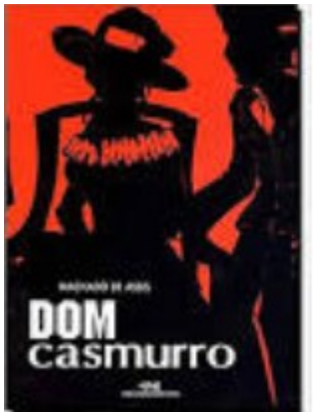
22- Foi apelidado pelos vizinhos de “Bruxo do Cosme Velho”, pois teria queimado cartas em um caldeirão em sua casa que ficava na Rua Cosme Velho. O apelido, entretanto, só pegou quando o poeta Carlos Drummond de Andrade fez o poema *A um bruxo, com amor*, que reverencia o escritor.

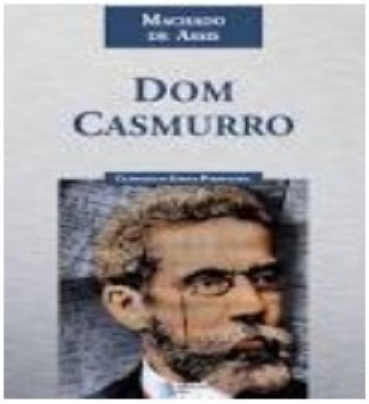
23- Era epilético e apresentava sinais de gagueira, o que contribuiu para formação de sua personalidade insegura e reclusa. Além disso, Machado de Assis, por ser mulato, enfrentou muito preconceito para conseguir reconhecimento.

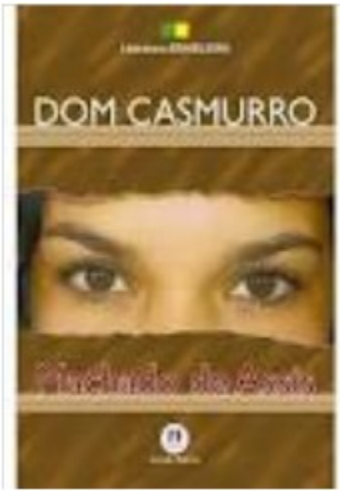
24- Já idoso e tomado pela depressão, Machado de Assis falece no dia 29 de setembro de 1908, aos 69 anos de idade. Sua morte foi amplamente lamentada por diversos artistas e intelectuais brasileiros, dentre os quais o jurista Rui Barbosa, que discursou no velório do autor, representando a Academia Brasileira de Letras.

ANEXO 6 DIFERENTES CAPAS DA OBRA DOM CASMURRO









ANEXO 7 CONTO “A CARTOMANTE”

A Cartomante – Machado de Assis, 1884.

HAMLET observa a Horácio que há mais causas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade.

- Errou! interrompeu Camilo, rindo.

- Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois.

- Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

- Onde é a casa?

- Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

- Tu crês deveras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranjou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

- O senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor. Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di femmina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; - ela mal, - ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhetinho. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: - a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

- Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tomar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

- Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, - repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, - o que era ainda pior, - eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tílburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

"Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim..."

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tílburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tílburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tílburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

- Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as

contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

- Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

- E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma cousa ou não...

- A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

- As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

- A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

- Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

- Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

- Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

- Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tílburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

- Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer causa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da

consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e continuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. s vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação:

- Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

- Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: - ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

Disponível em: http://www.biblio.com.br/defaultz.asplink=http://www.biblio.com.br/conteudo/MachadodeAssis/acartomante.htm. Acesso em 30/08/2019.

ANEXO 8 ELEMENTOS DA NARRATIVA

Estrutura da narrativa

A narrativa é um texto que trata de **acontecimentos e ações realizadas por personagens fictícios ou reais**. Na Literatura, ela aparece principalmente em romances, novelas, fábulas, contos e crônicas. Ela também é a base de muitas peças de teatro e dos filmes produzidos pelo cinema.

Mas, para que o leitor ou ouvinte se sinta atraído e até mesmo entenda toda a situação, ela precisa ter uma **estrutura e elementos essenciais** ao desenvolvimento da história.

A narrativa começa com a introdução, que é seguida pelo desenvolvimento e o climax. Finalmente, a história termina com uma conclusão ou desfecho, que coloca um ponto final nas aventuras do personagem e nas expectativas do leitor. Vamos falar de cada uma delas a seguir.

Introdução

É a parte do texto que **apresenta as personagens** e mostra ao leitor onde elas se localizam em relação ao tempo e espaço.

Desenvolvimento

Nesse trecho, o autor conta as ações da personagem. A ideia é formar uma trama com os acontecimentos, **mostrar a ocorrência de um problema ou complicação** com objetivo de criar algum tipo de suspense que vai conduzir ao clímax da história.

Conclusão

Trata-se do final da história. Na maioria das vezes, os autores concluem **encerrando a trama com um desfecho favorável ou não para o problema**.

No entanto, essa é apenas uma forma de fazer a conclusão. A criatividade pode levar a outros caminhos e até mesmo criar um suspense ainda maior.

Elementos da narrativa

Depois de conhecer essa estrutura, é importante entender **quais são os elementos** que não podem faltar em uma narrativa.

Enredo

O enredo é um elemento fundamental para a narrativa. Trata-se do conjunto de fatos que acontecem, ligados entre si, e que contam as ações dos personagens. Ele é dividido em algumas partes:

- **Situação inicial:** é quando o autor apresenta os personagens e mostra o tempo e o espaço em que estão inseridos, geralmente logo na introdução;
- **Estabelecimento de um conflito:** um acontecimento é responsável por modificar a situação inicial dos personagens, exigindo algum tipo de ação;
- **Desenvolvimento:** ao longo desta seção, o autor conta o que os personagens fizeram para tentar solucionar o conflito;
- **Clímax:** depois de diversas ações dos personagens, a narrativa é levada a um ponto de alta tensão ou emoção, uma espécie de “encruzilhada literária” que exige uma decisão ou desfecho;
- **Desfecho:** é a parte da narrativa que mostra a solução para o conflito.

Espaço

Espaço é **o lugar em que a narrativa acontece**. Ele é importante não só para situar o leitor quanto ao local, mas principalmente porque contribui para a elaboração dos personagens.

Afinal, o espaço onde as pessoas (mesmo que fictícias) vivem interfere na sua aparência, vestimenta, costumes, oportunidades, atividades e até mesmo sua personalidade.

Tempo

O tempo da narrativa diz respeito ao desencadear das ações, e **pode ser dividido em**:

Cronológico

Está relacionado a **passagem das horas, dos dias, meses, anos** etc.

Psicológico

Está relacionado às **lembranças da personagem** e aos sentimentos vivenciados por ele.
Assim como espaço, ele é muito importante para definir características das personagens, principalmente as psicológicas. Afinal, pessoas que vivem em épocas diferentes costumam ter visões de mundo, atitudes, pensamentos e situações também diferentes.

Ação

Envolve tudo que as personagens fazem na narrativa. Inclui **não só os movimentos**, mas também aquilo que **falam e pensam no decorrer da história**.

Tipos de narrador

Sempre que existe uma narrativa, **a história é contada por alguém**. Esse é o papel do narrador. Ele pode relatar os fatos a partir de perspectivas diferentes, o que pode transformá-lo em um personagem, um observador ou um ser onisciente. Entenda as diferenças:

Narrador personagem

Neste caso, **o narrador participa da história**, e por isso o texto é escrito em primeira pessoa do singular ou plural (eu, nós).

Narrador observador

Também existe a possibilidade de o narrador **não participar da história**. Ele observa a situação de fora, o que faz o texto ser escrito em terceira pessoa (ele, ela, eles, elas).

Narrador onisciente

É aquele que sabe de todos os fatos, mesmo que não participe da história. Sua compreensão costuma ir além dos acontecimentos. Ele **consegue narrar até mesmo os pensamentos e sentimentos dos personagens**, como se tivesse um conhecimento sobrenatural.
Pelo falo desse narrador conhecer muito os personagens, bem como seus pensamentos, sentimentos, ideias, atitudes, etc, **ele pode opinar sobre tais comportamentos** ao longo da narrativa.

Tipos de personagens

Finalmente, vamos falar das estrelas da narrativa: os personagens. São os seres reais ou fictícios que participam da história. Como a Literatura é criativa, pode ser uma pessoa, um animal, um ser mitológico ou fantástico, um objeto personificado ou até mesmo um sentimento.
Os personagens **podem ser divididos entre**:

1. **Protagonistas**: são destaques da narrativa, ocupam o lugar principal da história;
2. **Antagonistas**: são os adversários dos protagonistas, aqueles que vão criar ou alimentar o conflito, dificultando a vida dos principais;
3. **Secundários**: são personagens menos importantes na história, mas que de alguma forma contribuem para a sequência de fatos do enredo.

Produção da autora.

ANEXO 10 – SONETOS DE VINÍCIUS DE MORAES

Soneto de Fidelidade	Soneto de Separação

Vinícius de Moraes De tudo, ao meu amor serei atento Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior encanto Dele se encante mais meu pensamento. Quero vivê-lo em cada vão momento E em louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto Ao seu pesar ou seu contentamento. E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de quem ama Eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama Mas que seja infinito enquanto dure.	Vinícius de Moraes De repente do riso fez-se o pranto Silencioso e branco como a bruma E das bocas unidas fez-se a espuma E das mãos espalmadas fez-se o espanto. De repente da calma fez-se o vento Que dos olhos desfez a última chama E da paixão fez-se o pressentimento E do momento imóvel fez-se o drama. De repente, não mais que de repente Fez-se de triste o que se fez amante E de sozinho o que se fez contente. Fez-se do amigo próximo o distante Fez-se da vida uma aventura errante De repente, não mais que de repente.

_____ Vinícius de Moraes: *Poesia Completa e Prosa*. Volume Único. Organização Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

ANEXO 13 MODELO DE RESENHA DE OBRA LITERÁRIA.

Modelo de resenha de obra literária. (Apenas a título de conhecimento)

ASSIS, Machado de. A causa secreta. In: Machado de Assis - obra completa v.II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

Este é um conto que aborda um tema oculto da alma de todo ser humano: a

crueldade. Machado de Assis cria um cenário onde o recém formado médico Garcia conhece o espirituoso Fortunato, dono de uma misteriosa compaixão pelos doentes e feridos, apesar de ser muito frio, até mesmo com sua própria esposa.

Através de uma linguagem bastante acessível, que não encontramos em muitas obras de Assis, o texto mescla momentos de narração - que é feita em terceira pessoa – com momentos de diálogos diretos, que dão maior realidade à história.

Uma característica marcante é a tensão permanente que ambienta cada episódio. Desde as primeiras vezes em que Garcia vê Fortunato - na Santa Casa, no teatro e quando o segue na volta para casa, no mesmo dia - percebemos o ar de mistério que o envolve. Da mesma forma, quando ambos se conhecem devido ao caso do ferido que Fortunato ajuda, a simpatia que Garcia adquire é exatamente por causa de seu estranho comportamento, velando por dias um pobre coitado que sequer conhece.

A história transcorre com Garcia e Fortunato tornando-se amigos, a apresentação de Maria Luiza, esposa de Fortunato e ainda com a abertura de uma casa de saúde em sociedade.

O clímax então acontece quando Maria Luiza e Garcia flagram Fortunato torturando um pequeno rato, cortando-lhe pata por pata com uma tesoura e levando-lhe ao fogo, sem deixar que morresse. É assim que percebe-se a causa secreta dos atos daquele homem: o sofrimento alheio lhe é prazeiroso. Isso ocorre ainda quando sua esposa morre por uma doença aguda e quando vê Garcia beijando o cadáver daquela que amava secretamente. Fortunato aprecia até mesmo seu próprio sofrimento.

É possível afirmar que este conto é um expoente máximo da técnica de Machado de Assis, deixando o leitor impressionado com um desfecho inesperado, mas que demonstra – de forma exponencial, é verdade - a natureza cruel do ser humano. É uma obra excelente para os que gostam dos textos de Assis, mas acham cansativa a linguagem rebuscada usada em alguns deles. Joaquim Maria Machado de Assis é considerado um dos maiores escritores brasileiros.

ANEXO 14 – CONECTIVOS

Tabela com alguns dos principais conectores discursivos:

ADIÇÃO	E, pois, além disso, e ainda, mas também, por um lado … por outro
CAUSA	É evidente que, certamente, naturalmente, evidentemente, por
REAFIRMAÇÃO	Nesse sentido, nessa perspectiva, em outras palavras, ou seja, novamente, em suma, em resumo, dessa forma, outrossim, dessarte, destarte
SEMELHANÇA	Do mesmo modo, tal como, assim como, pela mesma razão
OPOSIÇÃO/RESTRIÇÃO	Mas, apesar de, no entanto, entretanto, porém, contudo, todavia, tampouco, por outro lado

LIGAÇÃO TEMPORAL	Atualmente, contemporaneamente, após a década de, antes de, em seguida, até que, quando
OPINIÃO	A meu ver, creio que, em meu/nosso entender, parece-me que, (in)felizmente, incrível como, admito que, (não) penso dessa forma/assim, obviamente
HIPÓTESE	A menos que, supondo que, mesmo que, salvo se, exceto se
FINALIDADE	Para, para que, com o intuito de, com o objetivo de, a fim de
EXEMPLIFICAÇÃO	Por exemplo, isto é, como se pode ver, a exemplo de
ESCLARECER	(não) significa que, quer dizer, isto é, não pense que, com isto, (não) pretendemos
ENFATIZAR	Efetivamente, com efeito, na verdade, como vimos, como pudemos refletir, mais uma vez
DÚVIDA	Talvez, é provável, é possível, provavelmente, possivelmente, porventura
CHAMAR ATENÇÃO	Note-se que, atentar para o fato de que, constata-se que, verificamos, mais uma vez
CONCLUSÃO	Portanto, logo, enfim, à guisa de conclusão, em suma, concluindo, para que
CERTEZA	Evidentemente, certamente, decerto, naturalmente
PROPORÇÃO	À medida que, da mesma forma
CONFORMIDADE	Conforme o(a), de acordo com, consoante, em conformidade

Produção da autora

ANEXO 19

O DOM DO CRIME

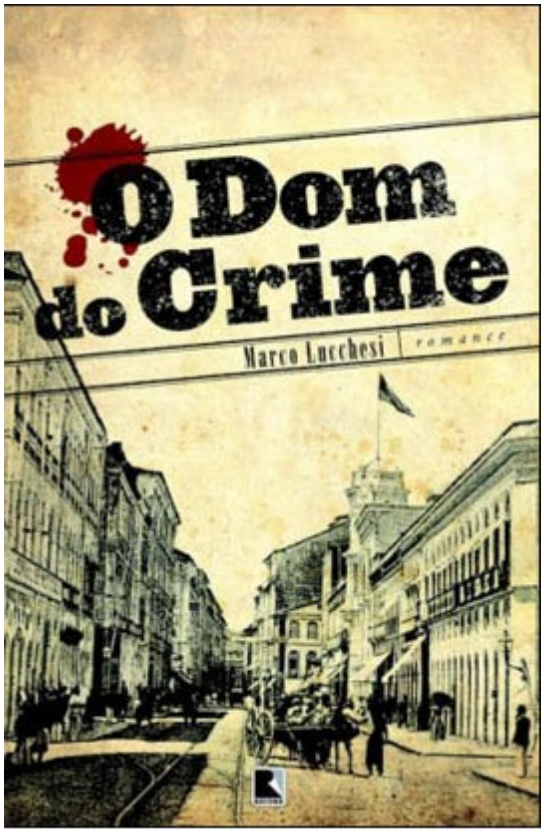


Imagem O Dom do Crime: https://www.google.com/search?q=o+dom+do+crime&tbm=isch&ved=2ahUKEwjQq67Qy6zpAhVDMLkGHeEEABYQ2-cCegQIABAA&oq=o+dom+do+crime&gs_lcp=CgNpbWcQAzIECCMQJzIECAAQGDIECAAQGDIECAAQGDIECAAQGDoCCAA6BQgAEIMBOgQIABAeUKLFB1jB1Qdgj9gHaABwAHgBgAGPBYgB2B2SAQswLjQuMS40LjIuMZgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1n&sclient=img&ei=qK25XtC3C8Pg5OUP4YmAsAE&client=firefox-b-d#imgrc=VwBN4i_mePJM9M

Imagem Marco Lucchesi: Disponível em: https://www.google.com/search?q=MARCO+LUCCHESI+foto&tbm=isch&ved=2ahUKEwi59pDuyazpAhUXBLkGHRVvBt4Q2-cCegQIABAA&oq=MARCO+LUCCHESI+foto&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECAAQHjoECAAQGFDWzxxY1tccYMbhHGgAcAB4AIABzAGIAa4HkgEFMC4zLjKYAQCgAQGqAQtnd3Mtd2l6LWItZw&sclient=img&ei=zau5XvnbLZeI5OUPld6Z8A0&client=firefox-b-d#imgrc=FsQKIGxYqF_Z4M

ANEXO 20 – POEMA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

As sem-razões do amor

Eu te amo porque te amo.
Não precisa ser amante
E nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.

Amor é estado de graça
E com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
É semeado no vento,
Na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
E a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
Bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
Não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
Feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
E da morte vencedor,
Por mais que o matem (e matam)
A cada instante de amor.

(Carlos Drummond de Andrade)

Disponível em: https://www.letras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/983318/. Acesso em 21/10/2019.

ANEXO 21 QUESTÕES REFERENTES AO POEMA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Agora, responda as questões que seguem:

1) No título do poema, está presente um jogo de ideias contrárias que problematiza o amor - sentimento de muitas razões e de razão alguma. Em qual dos versos abaixo melhor problematiza o amor? Por quê?

a) "Não precisa ser amante, / e nem sempre sabes sê-lo" (versos 2 e 3)

b) "Amor é estado de graça / e com amor não se paga" (versos 5 e 6)

c) "é semeado no vento, / na cachoeira, no eclipse" (versos 8 e 9)

Colégio Estadual do Campo Maria Diva Ribeiro de Proença - EFM	
Alunos (as):	Série: 9º ano
Atividade relacionada ao *poema As sem-razões do amor, de Carlos Drummond de Andrade*	Data:
Professora: Irene Gonçalves E-mail: irene.goncalves@escola.pr.gov.br	

Leia com atenção o poema de Carlos Drummond de Andrade:

As sem-razões do amor

Eu te amo porque te amo.
Não precisa ser amante
E nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.

Amor é estado de graça
E com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
É semeado no vento,
Na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
E a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
Bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
Não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
Feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
E da morte vencedor,
Por mais que o matem (e matam)
A cada instante de amor.

(Carlos Drummond de Andrade)

ANEXO 22 TIRINHA DE MAFALDA

Disponível em: https://blogdoenem.com.br/wp-content/uploads/2017/02/3_Intertextualidade.jpg. Acesso em 16/11/2019.

ANEXO 23 QUESTÕES CHECAGEM DE LEITURA

Colégio Estadual do Campo Maria Diva Ribeiro de Proença - EFM	
Alunos (as):	Série: 9ª "A"
Questões relacionadas à checagem de leitura	Data:
Professora: Irene Gonçalves E-mail: irene.goncalves@escola.pr.gov.br	

1) Quem é o narrador da história?

_____

_____

2) Quem era José Mariano da Silva em O Dom do Crime?

_____

3) Qual o nome de sua esposa?

_____

4) Helena morre. De que maneira isso acontece?

_____

5) Helena confessa ao marido o adultério cometido? O que ela diz a ele?

_____

6) José Mariano vai a julgamento pelo assassinato da esposa Helena. De que maneira sua defesa é feita? O que é alegado?

_____

Colégio Estadual do Campo Maria Diva Ribeiro de Proença - EFM	
Alunos (as):	Série: 9ª "A"
A resenha crítica	Data:
Professora: Irene Gonçalves E-mail: irene.goncalves@escola.pr.gov.br	

A resenha crítica

Esse gênero textual nada mais é do que uma síntese ou resumo capaz de descrever e trazer informações relevantes a respeito de uma obra literária, um filme, um show ou um evento. Quando incluímos o elemento da crítica, ou seja, tratamos de uma resenha crítica, essa terá mais um ponto a ser trabalhado.

O que diferencia uma resenha crítica de uma resenha descritiva comum é a opinião emitida pelo autor. Sendo assim, além de descrever e informar sobre o objeto de sua resenha, é necessário emitir uma opinião e exprimir um juízo de valor.

Mas atenção! Quando falamos em "opiniões" não se tratam de meros "achismos". O autor de uma boa resenha crítica deverá embasar suas ideias, argumentando pontos de vistas diferentes e tecendo comparações com outras obras semelhantes ou de mesmo gênero.

Também, a palavra crítica não indica apenas a análise dos pontos negativos da obra. Sendo assim, é preciso evidenciar tanto os positivos, quanto os negativos do objeto analisado.

Para elaborar uma resenha crítica, alguns processos podem tornar essa tarefa menos complicada, fornecendo um norte por onde iniciar a produção de seu texto. Confira, a seguir:

1. Faça um levantamento sucinto das informações da obra

Esse passo tem por objeto organizar suas ideias. Elas serão fundamentais para dar uma visão geral sobre o objeto da resenha. Responder perguntas simples como "Qual o tema da obra?", "Qual o problema proposto pelo autor?", "Qual a posição do autor?" e "Quais os argumentos utilizados pelo autor?" são de grande valia.

2. Faça o resumo da obra

Apesar de a resenha crítica não se limitar ao resumo da obra, ela é necessária para situar o leitor de sua resenha sobre o conteúdo do texto resenhado. Seja sucinto e aborde os principais pontos tratados.

3. Evidencie o posicionamento do autor

Após resumir o tema abordado no texto, é essencial deixar claro qual o posicionamento do autor do objeto da resenha. Tente apontar, de forma objetiva, os pontos de vista do autor.

Nesse momento, é possível fazer um breve relato a respeito da vida do autor, as características de sua escrita e seus princípios ideológicos. Ou seja, apresente o posicionamento do autor e

descreva um pouco do perfil do escritor. Isso irá permitir ao leitor da resenha compreender melhor o conteúdo e o criador da obra.

4. Faça uma análise crítica

Agora, é o momento de expressa a sua opinião de forma embasada, apontado os pontos positivos e negativos do texto. Expresse, também, a sua opinião sobre a coerência do autor e seu poder argumentativo. Lembre-se de ser imparcial ao expressar o seu juízo de valor.

Para dar mais credibilidade e poder argumentativo à sua opinião crítica, faça uma comparação com obras de mesmo gênero de outros autores ou outras obras do próprio autor. Isso dará mais respaldo à sua resenha.

5. Faça a conclusão

Por fim, conclua sua resenha emitindo sua opinião quanto a recomendação da obra e para quem ela poderia ser mais interessante.